

SÃO JORGE



FANZINE DA COMPANHIA SÃO JORGE DE VARIEDADES

NÚMERO NOVE | 2012



MANIFESTO-AÇÃO

Ser artista é uma possibilidade que todo ser humano tem, independente de ofício, carreira ou arte. É uma possibilidade de desenvolvimento pleno, de plena expressão, de direito à felicidade. A possibilidade de ir ao encontro de si mesmo, de sua expressão, de sua felicidade, plenitude, liberdade, fertilidade é de todo e qualquer ser humano. Isso não é um privilégio do artista, é um direito do ser humano — de se livrar de seus papéis, de exercer suas potencialidades e de se sentir vivo. Todo mundo pode viver sua expressão sem estar preso a um papel. Não se trata de ser artista ou não, mas de uma perspectiva do ser humano e do mundo. Não se trata só de todos os artistas serem operários, mas também de todos os operários serem artistas. Das pessoas terem relações criativas, férteis e de transformação com o mundo, a realidade, a natureza, a sociedade. O homem não está condenado a ser só destruidor, consumista, egoísta como a sociedade nos leva a crer.

Amir Haddad – Diretor do grupo de teatro Tá Na Rua



ALÔ. ALÔ. ALÔ! ALÔ VOCÊ. CARÍSSIMO LEITOR-OUVINTE! AQUI É A RÁDIO CIPÓ NA SELVA DAS CIDADES. PREFIXO ZYLO 342!

Quem vos fala com voz emocionada sou eu mesmo, Sr. Barafonda, sua voz amiga de todos os dias desde o início dos tempos. Seguindo sempre em frente com o nosso Triciclo Amarelo. Bons tempos... Bom dia a você, que nos ouve. Boa tarde a você que nos lê. E um abraço especial a galera barrafundista que mora em nosso coração: a BARRA FUNDA. Na programação especial de hoje, acompanhamos a Cia. São Jorge de Variedades neste passeio pela paisagem do bairro. Uma viagem pelo espaço-tempo da Barra Funda, nas ondas da história e da memória. Abra os olhos e os ouvidos. Sintoneze o coração. Destino: BARAFONDA! Não mude mais de estação. Nossa programação vai longe e começa agora, somos todos baranautas...

Sim, essas nossas falas e principalmente esse número 09 do Fanzine São Jorge é dedicado a vocês, sim, você que mora, trabalha e estuda nesse território mítico e que acompanhou a São Jorge pelas esquinas, frestas, janelas, semáforos e rotatórias do bairro. Você que assistiu a um trecho da peça, um pedacinho dos ensaios, vocês trabalhadores que fizeram a peça com os atores, ou você que sem saber o que estava acontecendo cantou uma música com o grupo enquanto esperava o farol abrir através do retrovisor do seu carro e também pra vocês que sem entender o que estava acontecendo, ou mesmo sabendo exatamente o que estava acontecendo, nos xingou sem poupar uma só nota musical de suas gargantas: "Vai trabalhar vagabundo, por que vocês ainda cantam?"

VOCÊ SABIA?



A CIA. SÃO JORGE DE VARIEDADES é um grupo de teatro que está aqui na Barra Funda desde 2007, ali na Rua Lopes de Oliveira – a única que atravessa a Barra do elevado até o trem – número 342. O grupo se formou em 1998 na Universidade de São Paulo e já rodou por muitos lugares desta nossa louca metrópole, mas é aqui na Barra que fincou suas raízes. Desde que chegou já montou três espetáculos – sempre se irradiando por ruas e praças. Se espalhando como as ondas desta sua Rádio Cipó! Sua forma de trabalho é coletiva, lá tudo é de todos e nada é de ninguém, um por todos e todos por um, caríssimo ouvinte-leitor. O que eles querem? Um teatro cada vez mais próximo do espectador, cada vez mais ligado na cidade. Segundo seus integrantes, "nosso negócio é se inserir na atualidade de maneira lúcida, crítica, sem reproduzir discursos, sem estagnar o pensamento e as energias." E é aí que chegamos em... BARAFONDA! O mais recente trabalho do grupo, estreado em maio de 2012, que veio para levar ao máximo a força do coletivo! 30 atores e músicos pelas ruas do bairro, um grande coro. "Do Coro vieste e ao Coro retornarás!" é o lema deste espetáculo, deste passeio. Afinal, ouvinte-leitor barrafundense, vivemos uma era de extremo individualismo, é ou não é? Por isso a São Jorge bota o bloco na rua: falar da Barra Funda para falar da nossa cidade, da nossa civilização. Já não dá pra cada um ficar tagarelado sozinho: "A voz do coro é a voz de Deus." Não saia daí...

FICHA TÉCNICA ESPETÁCULO

Barafonda



Criação, Dramaturgia e Direção Cia São Jorge de Variedades

Coordenação Geral Patrícia Gifford

Elenco Alexandre Krug, André Capuano, Angela Maria Prestes, Anna Cosenza, Antonia Mattos, Bárbara Bonnie, Caco Pontes, Camilla Martinez, Carol Portela, Cristiano Kunitake, Dácio de Oliveira, Fernanda Machado, Flávio Porto, Georgette Faddel, Isa Santos, Ivan Zancan, João Inocêncio, Jonathan Silva, José Andery, Juliana Amorim, Leandro Rosario, Majó Sesan, Marcelo Reis, Maria Carulina Macário, Marina Donati, Marita Prado, Mauro Grillo, Patrícia Gifford, Paula Klein e Rogério Tarifa

Artista convidado Flávio Porto

Participação especial Pascoal da Conceição e Rodrigo Mercadante

Colaboração Mariana Senne

Direção Musical Lincoln Antonio

Música Original Lincoln Antonio, Jonathan Silva e elenco

Direção Vocal Interpretativa Lucia Gayotto

Direção de Movimento Jorge Garcia

Cenário e Figurino Julio Dojcsar e Silvana Marcondes

Design Gráfico Sato – casadaLapa

Gestão de Produção Carla Estefan

Assistente de Produção Isabel Soares

Engenheiro de Som Ivan Garro

Cenotécnico Carlos Ceiro

Equipe ateliê de direção de arte e apoio ao espetáculo Alexandra Deitos, Angélica Muller, Isa Santos, João Brittes, Marcela Donato e Maria Basili

Equipe de apoio a produção Ademir Pereira, Daiane Rodrigues, Érika Fortunato, Fagundes Emanuel e Luana Csermark

Registro em Foto e Vídeo Cacá Bernardes e Bruna Lessa

Assessoria de Comunicação Frederico Paula

Autores e fontes citados HeinerMüller, Ernesto Sábato, Bertolt Brecht, Clarice Lispector, Raul Seixas, Wally Salomão, revistas Carta Capital e Caros Amigos, grupo Bijari, Ésquilo, Eurípedes



Mapa do percurso

GALVEZ - Aqui acaba a história contada por mim. Estamos assistindo à última cena. Mas antes de terminar devemos admitir que fracassamos. Caramba!!! Hoje completo 105 anos. Estou no fim da nossa linha do tempo e não há mais nenhum passo a ser dado. A obra está pronta. O que faço agora? Caramba só me resta morrer!!!! Ou então sonhar, só me resta sonhar. Muitos me diziam: Você tem o dever de terminá-la, os jovens estão sem esperanças, ansiosos, não pode decepcioná-los. Sim, escrevo sobretudo para os jovens, mas também para aqueles que, como eu, se aproximam da morte e se perguntam para que e por que vivemos, lutamos, sonhamos, escrevemos, ou simplesmente empalhamos cadeiras. Vocês jovens devem achar que não existe nenhuma possibilidade de mudança, quando o valor de uma existência é menor do que o preço de um anúncio publicitário. Mas quem sabe quando acordarmos desse sinistro pesadelo, quando o mundo hiperdesenvolvido vier abaixo, com todos os seus siderantropos e sua tecnologia, nessas mesmas terras há de se resgatar o homem em sua unidade perdida. Olha eu sonhando de novo! Proponho-lhes então, com a gravidade das palavras finais da vida, nesta complexa, contraditória e inexplicável viagem rumo a morte que é a nossa existência, que nos joguemos, nesse meu último suspiro de vida que é essa minha Barafonda. E agora eu morro.

Aqui na Rádio Cipó, acabamos de ouvir Raphael Galvez, ouvinte-leitor, e não resta dúvida: essa história começa do fim e volta pro começo! Vamos de trás pra frente nesta Barafonda.

O que você acha? A vida vale mesmo menos que um anúncio publicitário?

E você sabia? Que o ateliê de Raphael Galvez está até hoje ali, fechado na Rua Lopes de Oliveira 286?



RAPHAEL GALVEZ (1907-1998), pintor e escultor, morador da Barra Funda e da Rua Lopes de Oliveira, amigo de Mário de Andrade, está ali, dando os toques finais à sua obra.



Mas afinal, o que nosso artista Galvez está esculpindo ali na praça, na parede-penhasco do Elevado Costa e Silva? Uma estátua de PROMETEU Acorrentado! No caso, acorrentado ao Minhocão.

Lembram de Prometeu, ouvintes-leitores? Aquele deus que roubou o fogo dos deuses e deu aos homens, e como castigo dos deuses ele ficou acorrentado à pedra...

PROMETEU -Â â éa éa! Pheu, sou Prometeu, eis me a gemer pelos males presentes e pelos males futuros. Os homens devem-me todas as suas artes. Não os critico, porém fique claro, benevolência minha deu-lhes dádiva. Em seus primórdios os homens tinham olhos, mas não viam! Tinham ouvidos, mas não escutavam! Viviam como formigas ágeis, ocupavam o fundo das cavernas. O número, eu lhes inventei, a composição das letras, eu lhes inventei. Eu mesmo, e mais ninguém, inventei os veículos de asas de pano que permitem aos homens percorrem os mares. Fui também o primeiro a prender os animais aos arreios, para livrar os homens do trabalho árduo. Não existiam remédios para os doentes, por falta de medicamentos vinha a morte. Eis minha obra. O Cobre, o ferro, a prata e o ouro. Quem lhes revelou antes de mim? O autor da arte humana é Prometeu.

Lembraram?

Prometeu, pai de todos os artistas e artesãos e artifices e etcetera... Foi aí que tudo começou... Com o fogo do progresso na mão, a humanidade fez e aconteceu! Mas eis que já se passaram secula seculorum, e a humanidade agora é que está presa na rocha, com mais medo da liberdade do que das correntes e da águia que vigia lá de cima. E quando aparece um Hércules-Trabalhador pra nos libertar, tudo que Prometeu quer é brigar por trinta segundos de fama e ganhar o prêmio de melhor ator pra pagar as contas. Prometeu não está mais acorrentado, agora é Prometeu Endividado. Não acredita? Então acompanhe na Rádio Cipó ZYLO 342, a sequência musical...



CORO

*Prometeu entregou o fogo aos homens
mas não ensinou como usar contra os deuses*

*Prometeu por causa do seu ato
por ordem dos deuses foi fixado ao Minhocão
onde uma águia de cabeça de cão
comia todo dia seu fígado*

*A águia defecou sobre ele
as fezes eram seu alimento*

*Três mil anos depois Hércules, seu libertador
subia a São João no rumo da estação*

*Três mil anos rondou da Glete à Brigadeiro
da Angélica à Conselheiro*

*Mas era repelido pelo muro de fedor
Hércules repelido pelo muro de fedor*

*Choveu
quinhentos anos choveu*

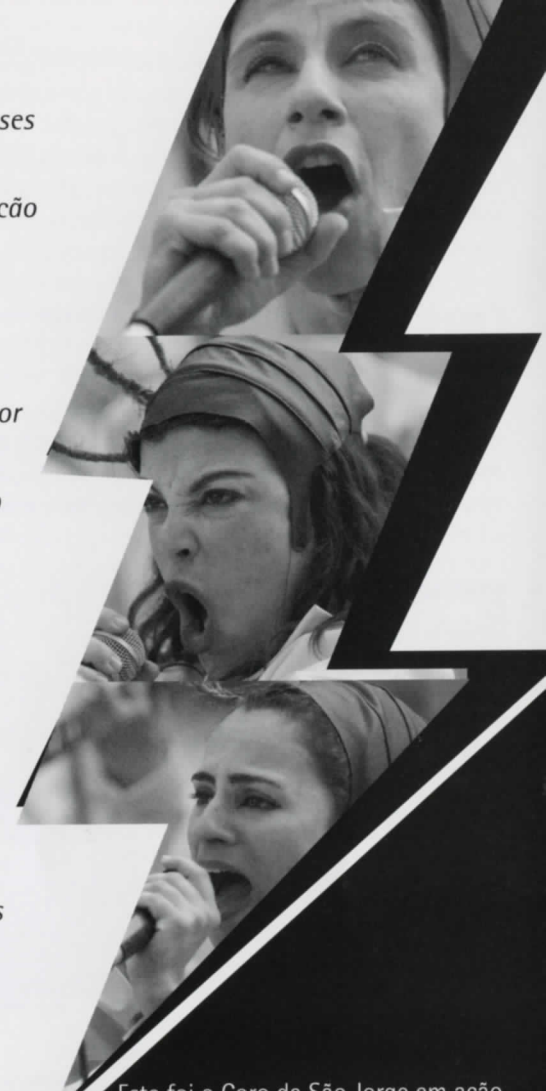
*Hércules se aproximou
quatro vezes ele flechou
a quarta flecha a águia matou*

*Prometeu sabia muito bem
que a águia era sua última ligação com os
deuses
e suas bicadas eram a memória deles
ele xingou seu libertador de assassino
e tentou cuspir em sua cara*

*Prometeu tinha medo da liberdade
gritando e espumando de raiva
suas correntes defendeu
contra a investida do libertador*

*de quatro, sobre as mãos e os joelhos,
liberado seus membros, um a um,
entorpecidos, torturados gritou
por um lugar tranquilo na pedra
debaixo das asas da águia*

*Prometeu mesmo quando já erguido
dali não saía
como um ator que não quer sair do palco*



Este foi o Coro da São Jorge em ação, direto da Marechal! Cantando pro fogo de Prometeu subir, pois ele já está queimando nossos pés. Por isso a Rádio Cipó quer saber:

O QUE ESTAMOS FAZENDO COM O FOGO QUE PROMETEU NOS DEU, HEIN?

...Pense, ligue pra cá - mande sua opinião - contato@ciasaojorge.com. Rádio Cipó 342 ZYLO - chamando você pra desatar o nó. Decifra-me ou devoro-te - "você pode não saber mas está filosofando o tempo todo"

Porque na verdade, caro ouvinte, não tem princípio e nem tem fim, estamos destinados a estar sempre aqui, ligados na mesma frequência. Na nossa programação, eu faço o princípio, você faz o fim, pois desde que o mundo é mundo é assim: a gente modifica o mundo e o mundo modifica a gente. E pra modificar, dá trabalho. Trabalho que, segundo alguns, é o que nos define inconfundivelmente como seres humanos. E que pra uns enobrece, já pra outros emagrece e ainda tem aqueles a quem ele enlouquece. Ato fundante da nossa humana condição: trabalhar. Pra comer vestir e morar vamos nos virando e virando tudo no seu avesso. Aqui nos nossos estúdios ou aí no seu trabalho, vamos seguindo, todos nós, efêmeros sonhos de sombras...

E vamos agora ouvir o depoimento do trabalhador, herói nosso de cada dia, diretamente das ruas da Barra:

Rotina

Todo dia /chega a noite/e é sempre a mesma coisa/Uns vão pro bar beber/outros para conseguir/uma bela transa/Toda noite é mesmo dia/bate ponto/cumpre turno/acorda cedo/cara feia/pouca grana/faz desejo/assiste o jogo/desiste/tenta de novo/A impressão que se tem/é que nos últimos tempos/os dias passam/cada vez mais rápido(e sem retorno).

Caco Pontes



Radio Cipó também é cultura. "Trabalho" vem do latim, "tripalium", instrumento de tortura de três pontas, e segundo Voltaire, nos poupa de três grandes males: tédio, vício e necessidade. Será então tortura que nos salva? Interrogação... Mas Barra Funda é, foi e será sinônimo de suor no rosto, mãos calejadas e labuta, muita labuta. É a Grande Metrópole que a todos engole, feito carne! É moinho que mói, mói, mói...




10

TRABALHADOR – Tudo bem? Tô dando um tempinho aqui porque daqui a pouco eu pego no batente. A jornada de hoje vai ser longa... a de ontem também foi ... e espero que a de amanhã também. Zeus queira que eu tenha sempre muito trabalho e me dê força e coragem para lutar todos os dias, pra matar uma serpente com nove cabeças e corpo de dragão por dia. Hoje em dia é assim! Pra sobreviver tem que trabalhar. Acho que sempre foi assim, né? Desde que eu me entendo por gente: trabalho, suor, trabalho, suor, trabalho... Às vezes até parece castigo... trabalha, trabalha, trabalha, sai um pouquinho do castigo, dá uma descansadinha, e volta pro castigo, trabalha, trabalha... mas castigo mesmo deve ser ficar sem trabalho. Sem propósito, sem serventia, sem utilidade, sem ter pra quê. Por que eu trabalho? Eu trabalho pra... eu trabalho... pra... ser homem. Se eu fosse um deus eu não trabalharia, nem fodendo! Mas daí eu também não seria homem. Nem mulher, nem criança. Eu trabalho desde muito cedo, desde muito antes, desde quase sempre. Já saí da caverna ainda no escuro, sem saber o que era dia e o que era noite, cacei e comi cru. Já entendi a terra, plantei, criei, colhi e comi. Já construí casa, saí do campo. Já troquei sapato que fiz inteiro, por pão, leite, vinho e mel. Aprendi a trabalhar por dinheiro. Virei empregado. Já montei carro, não inteiro, mas fui responsável por essa e aquela peça, por essa e aquela parte. Já me juntei com companheiros pra lutar pelos nossos direitos. Já fui explorado, escravizado e continuo sendo. Sou pau pra toda obra, faço qualquer coisa, de tudo sei um pouco... de TUDO um POUCO... Mas até quando?



11



Io Prometeu, não é nada agradável ouvir mais uma vez seus gritos de dor, mesmo porque os seus esforços pela humanidade não foram nada úteis. Ainda somos como formigas na escuridão. Pior. Agora com seu fogo, somos crianças com arma na mão. Há cobre, prata e ouro pra todos mas não há cobre, prata e ouro pra todos. Com os nossos olhos e ouvidos vemos e escutamos misérias. Os números calculam e comemoram as distâncias entre as pessoas. A arte que o homem mais aprecia é a que entorpece. Sentimos o cheiro da eternidade graças ao seu presente, mas o que Dioniso nos deu é o que nos faz realmente capazes de mais liberdade e o que você nos deu nos torna semelhantes a você, presos em pedras, vidros, gavetas, imagens... E agora estou só. Estou presa. Eu, Io, a assassina, a desgarrada, a decaída, a atormentada. Antes tivesse ficado na imanência da natureza. Mas não, fui criada assim, como luz que cega, como fogo que queima. Luto não contra os que compram e vendem apartamentos e carros e procuram se casar e ter filhos, mas luto com extrema ansiedade por uma novidade de espírito!!!!

Já estava escrito, ou escrevemos agora?
O que é a vida um frenesi, uma ilusão, sonho, sombra, ficção?

Entre a palavra e o pensamento existo.
Quero também ser o que não sou.
Como é que se morre? Me ensina.



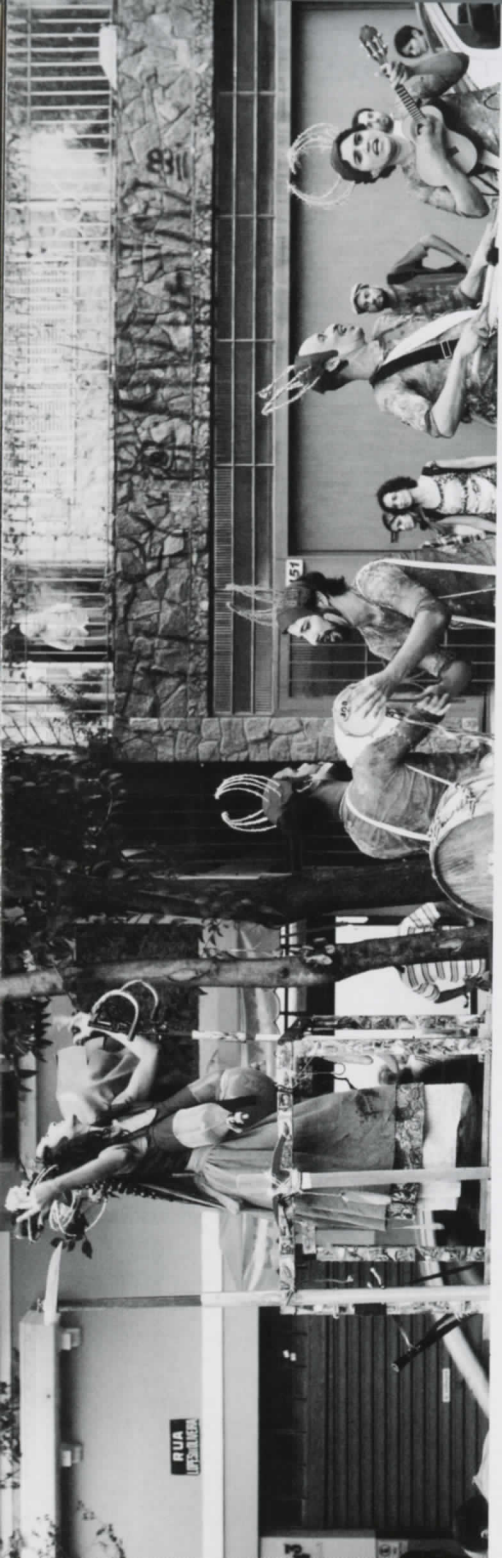
E por falar em moinho que mói e remói, quem são essas que vem desde sempre carregando a culpa de matar o próprio irmão, revivendo eternamente a história de Caim e Abel? Mortais humanas vagando pelo mar asfáltico. Esquecendo, lembrando, voltando a esquecer, tentando desesperadamente atingir uma luz, uma consciência. As três que são uma. IO. E por que "ela é três"? Caros leitores-ouvintes, por acaso algum de vocês é um só???



Rádio CIPÓ: E você, leitor-ouvinte? Tem medo de morrer? Ninguém quer morrer jovem, não é? Mas se a maldita roleta da tradição sorteasse o seu número e o seu pescoço... tudo bem? Você caminharia resignado e bem feliz pra ser degolado simplesmente porque, afinal de contas, o sacrifício é a regra? O sacrifício tem mesmo que rolar? Momento de reflexão na Rádio Cipó...

Quando a tradição perde o sentido e sobram só assassinatos, é preciso criar novas maneiras, inventar. Por isso a menina IO não aceitou quando o seu número brilhou na roleta. Pra se defender, desesperada, pôs um irmão no seu lugar. O sangue derramado salvou a sua vida, mas não salvou da solidão, que é morte também.





Ah, meu Deus, sai dessa solidão! O negócio é continuar a nossa programação, caminhando pelo espaço-tempo, vindos do futuro, chegando ao presente. Siga com confiança rumo as entranhas desta terra Barafonda.

E por falar em Terra, eis que chegamos na sede da Cia. São Jorge de Variedades, Lopes de Oliveira 342, o terreiro desse bando teatral, lugar das nossas oferendas, o útero que gera essa cabritada que vemos pelas ruas da Barra.

Aqui na São Jorge estamos na sede, no seio da Mãe-Terra, que recebe e joga os filhos pra rua de novo. Nossa Terra-Mãe, obrigada desde sempre a ver seus filhos se acabarem por aí. Porque depois do fogo de Prometeu, a verdade é que irmão mata irmão. Este é o nosso presente...



É, nossa Terra-Mãe não desiste, por mais que seja agredida e por mais que veja seus filhos morrerem. Continua sempre, buscando um lugar pra re-plantar a bananeira da esperança. E você? Você se vê como filho dessa terra? Qual terra?

MAE - Nesses tempos de sede e fome

Em que tudo nos é retirado

Na contramão fazemos aqui nossa oferenda.

Um cabrito morto e muito bem temperado

Pra lembrar que a cada dia morremos um pouco,

E que muitos são mortos para manter vivo um outro.

Em tempos de sacrifício não podemos esquecer o que é sacrificado.

A vida de cada um aqui é o tempo de contar um. É um relâmpago fugaz perdido no céu escuro da eternidade.

Então vem espiar além da grade,

NÃO SE CONFINE ÀS PAREDES DE DENTRO DA VULVA

Estoure os limites do grelo da greta da gruta da garagem

ROMPE MUROS

RASGA PAREDES

E vemmm...

ÔÔÔÔÔÔÔÔÔ!!!

Erguei os tamborins, nativos da cidade,

vultos dos escombros, nativos do concreto,

EU CRIO CRIANÇAS NA RUA, EU CRIO CRIANÇAS NO ASFALTO

Almas ávidas que querem o novo

Olhares estrangeiros para o conhecido

Erguei os tamborins nativos da cidade!

CANTEMOS SEMPRE INTENSO E FORTE O QUE NOS FAZ MAIS VIVOS

EM DIREÇÃO À MORTE



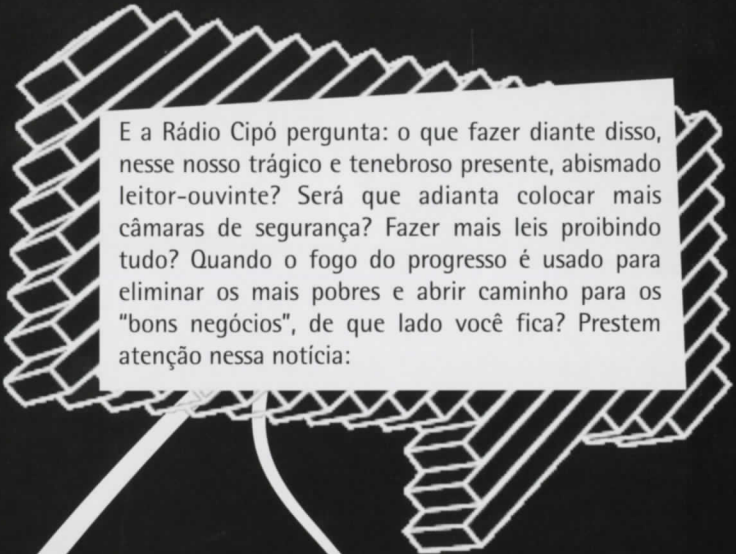
Você sabia? Que desses porões no rés-do-chão que a gente vê na calçada, dessas casas antigas que ainda restam, antigamente se escutava o samba, a batucada subterrânea dos negros operários que ali moravam? Na Barra funda, Berço do Samba, a música vinha da terra... Então é isso, dos navios negreiros para os porões e, no presente, pra onde?

Radio Cipó é notícia: as chacinas não páram! Entre 1981 e 2011 foram assassinadas mais de 1 milhão de pessoas em pleno Brasil "redemocratizado"! Pasmem! Apenas entre 1998 e 2008, mais de 520 mil pessoas foram assassinadas em São Paulo! Uma média de cerca de 47.360 homicídios por ano, que segue crescendo! O sangue vertido escorre da mesma classe, da mesma cor, da mesma faixa etária: ao longo de 10 anos (1998 a 2008), a cada três assassinatos, dois foram de negros, em sua esmagadora jovens pobres do sexo masculino, entre 15 e 24 anos. É matança que não acaba mais, meus amigos. Vamos falar só de uma:

MÃES DE MAIO - CRIMES DE MAIO

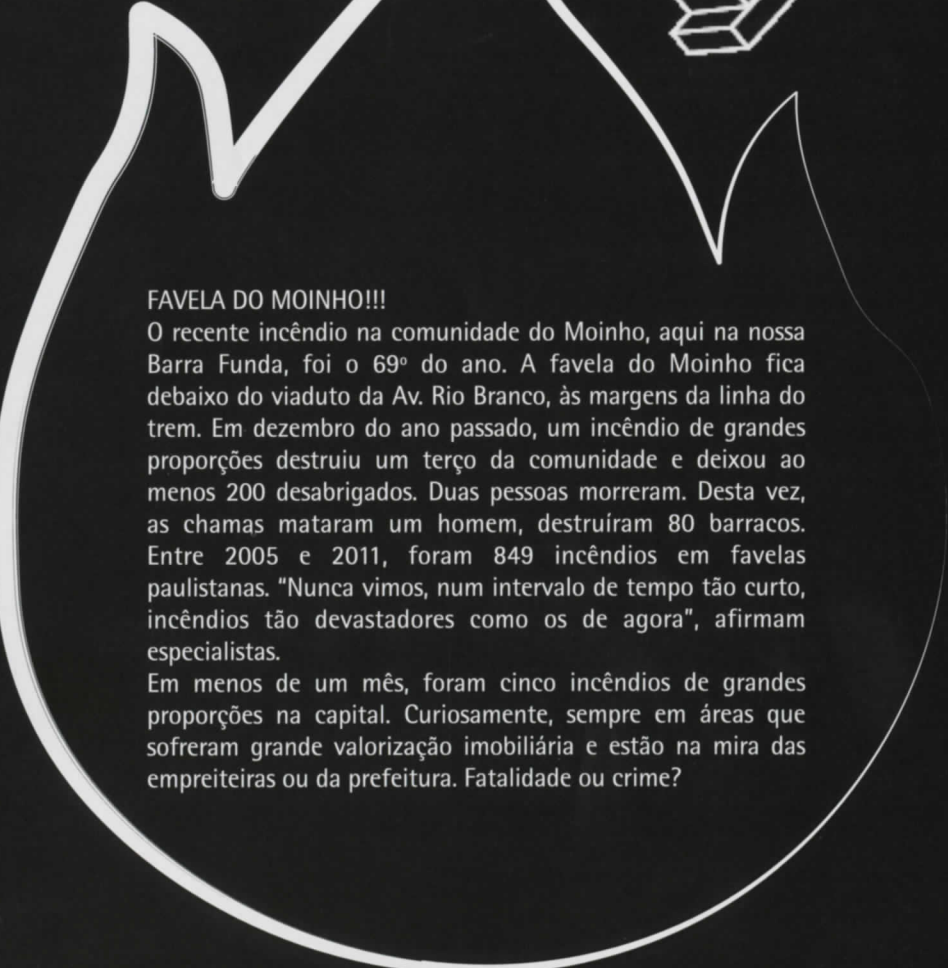
Entre os dias 12 e 20 de maio de 2006, no estado de São Paulo, policiais e grupos paramilitares de extermínio promoveram um dos mais vergonhosos escândalos da história brasileira. Em uma cínica e mentirosa 'onda de resposta' ao que se chamou na grande imprensa de ataques do PCC, foram assassinadas no mínimo 493 pessoas - que hoje constam entre mortas e desaparecidas. Um acontecimento terrível que vitimou sobretudo jovens pobres - negros e indígenas-descendentes. Não há sequer um caso de policiais que tenham sido devidamente investigados, julgados e punidos, como a própria lei orienta. Sem dúvida o maior e mais emblemático massacre da história brasileira recente. Daí nasceu o movimento "Mães de Maio - do luto à luta", e há seis anos elas mantêm acesa a memória dos crimes de maio lutando por justiça e punição dos culpados.





E a Rádio Cipó pergunta: o que fazer diante disso, nesse nosso trágico e tenebroso presente, abismado leitor-ouvinte? Será que adianta colocar mais câmaras de segurança? Fazer mais leis proibindo tudo? Quando o fogo do progresso é usado para eliminar os mais pobres e abrir caminho para os "bons negócios", de que lado você fica? Prestem atenção nessa notícia:

FAVELA DO MOINHO!!!



O recente incêndio na comunidade do Moinho, aqui na nossa Barra Funda, foi o 69º do ano. A favela do Moinho fica debaixo do viaduto da Av. Rio Branco, às margens da linha do trem. Em dezembro do ano passado, um incêndio de grandes proporções destruiu um terço da comunidade e deixou ao menos 200 desabrigados. Duas pessoas morreram. Desta vez, as chamas mataram um homem, destruíram 80 barracos. Entre 2005 e 2011, foram 849 incêndios em favelas paulistanas. "Nunca vimos, num intervalo de tempo tão curto, incêndios tão devastadores como os de agora", afirmam especialistas.

Em menos de um mês, foram cinco incêndios de grandes proporções na capital. Curiosamente, sempre em áreas que sofreram grande valorização imobiliária e estão na mira das empreiteiras ou da prefeitura. Fatalidade ou crime?

A Rádio Cipó ZYLO342 cai de pau, sem papas na língua: estamos à mercê da especulação imobiliária, seu Zé! Negócio delês é derrubar tudo, Dona Maria! Pois é, "pogresso", sempre "pogresso", perspectiva permanente na nossa paisagem barrrafundesca. No início a vasta várzea, depois o traço da linha da maria-fumaça cortando o chão, levando café e banana e depois... Para o alto! A paisagem vai sendo escondida e os prédios brotam que nem cogumelos tomando de assalto nosso céu, roubando nosso horizonte!... A Cia. São Jorge de Variedades não tem dúvida: estamos em guerra. Uma guerra cruel, mas surda e cínica, que se utiliza de tudo pra cidade e a vida se tornarem "um bom negócio" Se deixar, se utilizam até da nossa arte teatral, que vira ferramenta pra "revitalizar" o bairro, leia-se "limpar a sociedade" Entre mendigos, craqueiros e condomínios fechados, a corda arrebenta do lado mais fraco e no lado mais forte canta uma sereia sedutora... E aí, cidadão-ouvinte? O que fazer pra não ser massa-de-manobra?

DIONISO
É FOGO NO MOINHO,
É FOGO...
QUEM FICA NO CAMINHO
VIRA TOCO...



Caro leitor-ouvinte da Rádio Cipó, ELE já chegou! Prepare-se que agora o bicho pega! Nessa viagem-passeio no espaço-tempo, obra do artista Raphael Galvez, a cabritada está no asfalto, a negrada saiu dos porões e tomou as ruas! Dança de alegria e liberdade, sem amarra nem freio! E quem conduz, quem ins-pira, re-volta esse coro, essa massa que balança? É ele, deus do vinho, do teatro, o mais doce e o mais terrível, Evoé, Dioniso!



Rádio Cipó, embriagada de emoção e vinho, é testemunha Dioniso é o sempre perseguido, tem sempre alguém no seu encalço, que não tolera sua liberdade, sua alegria. Mas por mais que tentem, jamais será acorrentado.

E você, cabrito-ouvinte, o que prefere? Perseguir Dioniso ou entrar para o seu coro?

Você sabia? Em 1914 Seu Dionísio Barbosa fundou o "Grupo Carnavalesco Barra Funda", primeiro cordão de carnaval da cidade. Não tinha sambódromo nem local especial pra alegria não, a festa era na rua. Esse cordão, que fortaleceu seu samba indo sempre aos festejos e batuques em Pirapora do Bom Jesus, deu origem décadas depois, à escola de samba Camisa Verde e Branco.

DIONISO

Quem eu vejo lá? Quem eu vejo cá?
Quem era só seiva já brotou pra me alegrar
A terra úmida não pára
Lança seus filhos na marra
E esse fruto do porão sai
pra ver e andar no mundo!

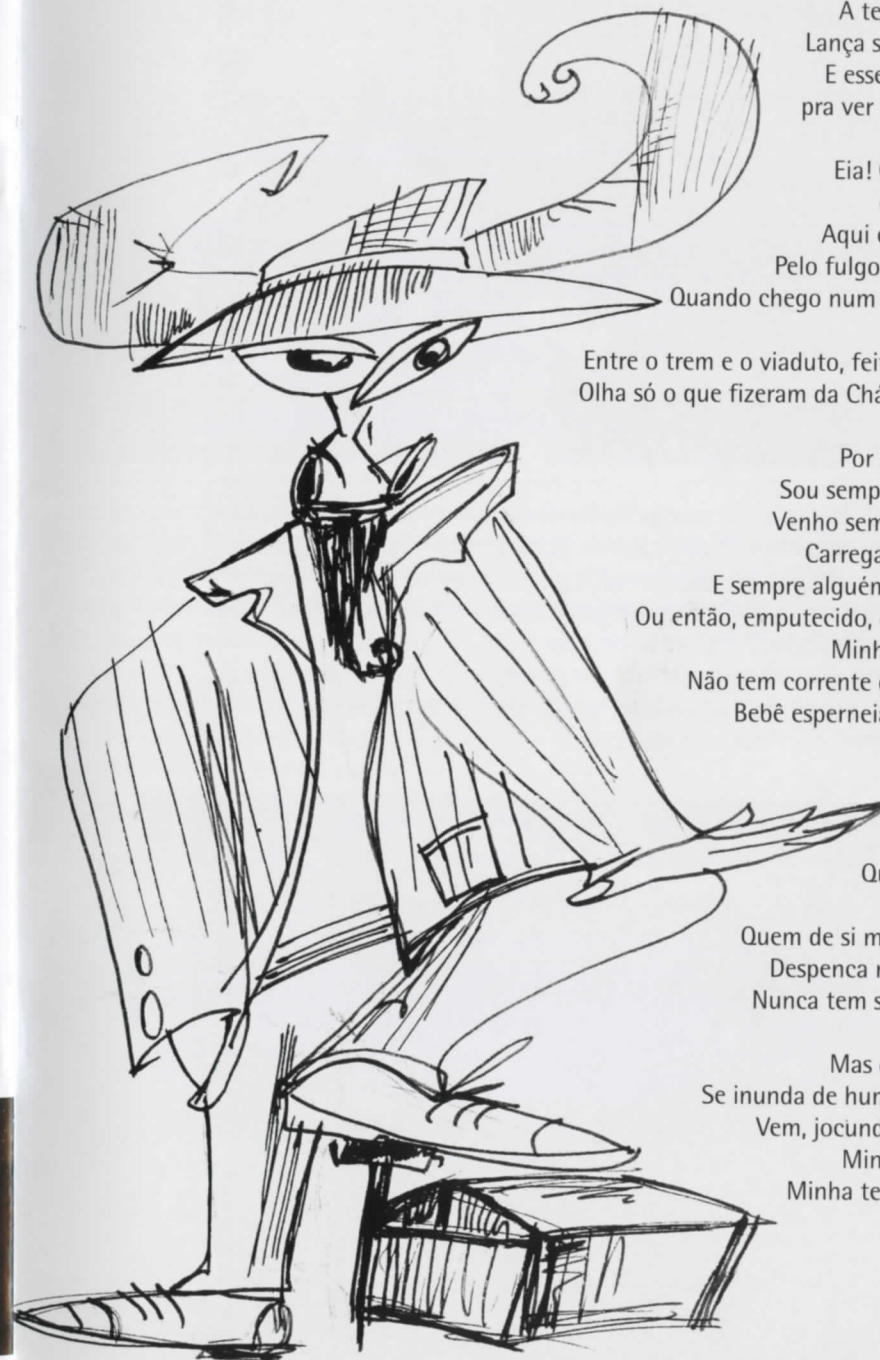
Eia! Cabritada-negrada,
cabritada-negrada!
Aqui estou, aqui cheguei
Pelo fulgor de um divino raio
Quando chego num lugar, dali não saio
Eh, Barra Funda

Entre o trem e o viaduto, feito carta de baralho
Olha só o que fizeram da Chácara do Carvalho...

Por favor, não reparem
Sou sempre assim, forasteiro
Venho sempre do estrangeiro
Carregando meu pandeiro
E sempre alguém quer me expulsar
Ou então, emputecido, quer me aprisionar
Minha natureza é pular
Não tem corrente que vá me amarrar
Bebê esperneia, cavalo corcoveia
Samba incendeia!

Não se enganem, não
Quem não me segue
enlouquece
Quem de si mesmo não esquece
Despenca no abismo da alma
Nunca tem sonhos, nem calma

Mas quem vem comigo
Se inunda de humor, prazer e graça
Vem, jocunda força dessa raça
Minha gente saia fora
Minha terra é agora, é aqui
É BARRA FUNDA!





Agora estamos cada vez mais no coração da Barra, mergulhando no passado, espiche as orelhas, e ouça... Ouça o som dos tambores enterrados. Ouça a italianada conversando nas calçadas dos cortiços, ouça a negrada jogando tiririca no Largo da Banana, os gritos do futebol de várzea... E já que falamos de futebol, nosso coro mergulha ainda mais na várzea da história. Ao longo da linha do trem, campos de terra preta, que deixava todos os jogadores democraticamente pretos. Onde times lendários como Condor e Astro se digladiavam pra ver quem levava a taça. E pra narrar essa partida eterna da humanidade, o convidado especial, o melhor locutor da Barra... Vai daí, Bijari!



BIJARI Obrigado Barafonda! É clássico desde os tempos imemoriais, torcedor do Brasil. A várzea contra o mundo, o mundo contra a várzea! A várzea é o que nos resta e o mundo é o grande palco. A questão é: Será que venceremos esse intrigante duelo? O anseio milenar está preso na garganta, lutando para sair como samba em feitio de oração! Mas será que reduziremos todas as nossas preces a um comportado simpósio? Mas já não há tempo para mais nada: divididos os lados, escolhidas as armas, vai começar o duelo! Você pra lá, você pra cá e todos nós juntos mas essencialmente separados. Começa o espetáculo! A melhor defesa é sempre o ataque, mas o meio-de-campo está embolado, parece realmente não haver nenhuma saída e o tempo paaaassaa... Esgotados todos os espaços, esgotadas todas as substituições, esgotados todos os ingressos, esgotadas todas as possibilidades e... Bola fora!

O caminho que nos resta é encontrar espaços que já foram vastos um dia. O jogo é truncado. São onze contra onze. Vinte e dois contra vinte e dois. Dois bilhões contra dois bilhões. E uma meia dúzia assistindo dos camarotes. Ééé... Lá vai o menino sobre o chão de terra... Maraviiilha de espetáculo!!!! O espetáculo é maravilhoosoo... e eu me pergunto, a que preço?

Não se deixe enganar. Ganhar e perder é a lei da vida. Mas a água esta cada vez mais batizada causando sonolência na grande massa. E os ponteiros continuam girando, girando e... falta!!! Falta perigosa na proximidade da área. Falta de tudo na proximidade da área. Encha o peito, erga a cabeça, a gigantesca falta da grande área será algum dia finalmente cobrada, vamos estufar esse filô, não tem replay, a hora é a agora, atenção, autorizado, partiu para a bola e... Apita o árbitro! Esgotado o tempo regulamentar! Fim de partida!

A vida é jogo. E também sonho. Sonho que não acaba, enquanto isso o que nos escapa é a linha de fundo, e o que sobra é o medo de pisar na bola. Reveja no replay, olha lá: corner! Tá todo mundo de escanteio! E o teempoo paaassaa! O mundo tem que dar falta, da falta que o mundo faz...





Obrigado Bijari, narração impecável! Nas entranhas da Barafonda nós vamos, atravessando a linha do trem, que divide o bairro em dois. BARRA FUNDA de Cima e de Baixo, antigamente tudo Chácara do Carvalho. Vamos reencontrando as figuras do passado. Olha ali Mário de Andrade, ilustre morador da Rua Lopes Chaves, meditando sobre o rio Tietê. Nosso rio, que passava aqui perto, agora cada vez mais longe da gente...

E atenção atenção! Eis que chegamos! O instante crucial, o limiar do universo... Pare tudo, detenha seu coração. Pra você que aguentou a barra até aqui, a nossa Rádio Cipó nas Selvas das Cidades ZYLO 342, chega com você ao Largo da Banana! Lá bem no fundo das veias escondidas do coração da Paulicéia! Caldeirão de desejos, adubo da teimosia. Largo da Banana, onde a curriola carrega o seu fardo, mas também se junta pra relaxar as broncas acumuladas do dia-a-dia.

Aqui Raphael Galvez começa a talhar sua obra-prima: Barafonda. Aqui se dá o crime primordial: lo mata o irmão. Aqui, das quebradas do mundaréu dessa Barra, o nosso CORO se forma, em torno da Grande Bananeira. Fala a Mãe Terra:

Mas afinal, o ouvinte deve se perguntar, o que é o Largo da Banana? Ele ficava exatamente ali onde hoje é o Viaduto Pacaembu e o Memorial da América Latina. Ali tinha uma estação de trem, onde se descarregava de tudo, principalmente banana. Os carregadores negros que ali trabalhavam se juntavam no fim do dia e, apesar da perseguição da polícia, faziam o seu samba, jogavam tiririca. Foi um lugar de resistência cultural, por isso mesmo chamado hoje de Berço do Samba.

MÃE

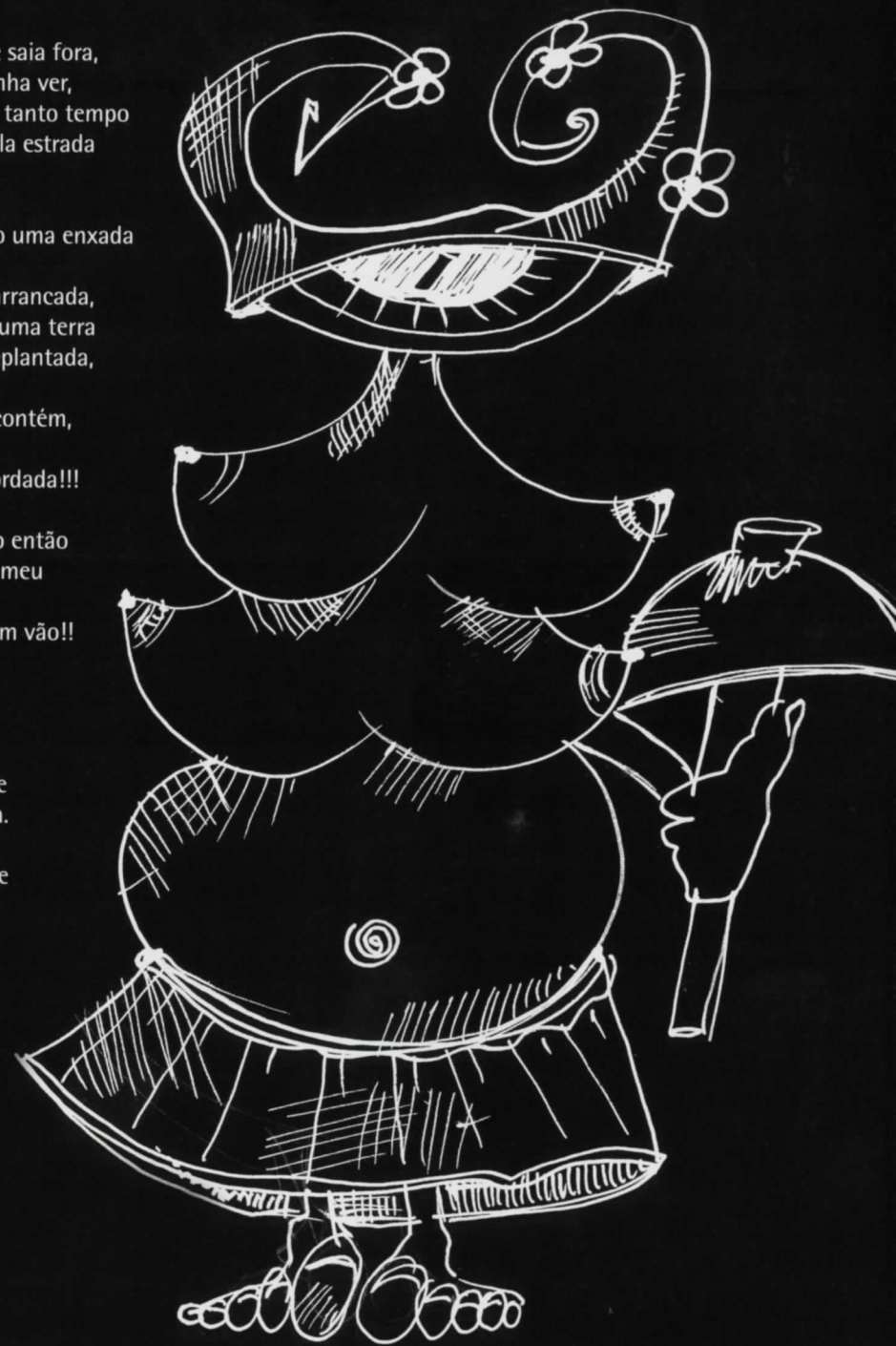
Minha gente saia fora,
da janela venha ver,
Eu venho há tanto tempo
bradando pela estrada

Numa mão
empunhando uma enxada
e na outra
essa planta arrancada,
na busca de uma terra
pra ela ser replantada,
não em vaso
que apenas contém,
mas terra,
terra transbordada!!!

Vem pro coro então
Porque filho meu
não vive,
nem morre em vão!!

Vem e entoa
essa canção
de uma dor
que não pode
ser esquecida.

Deslumbrante
na avenida!

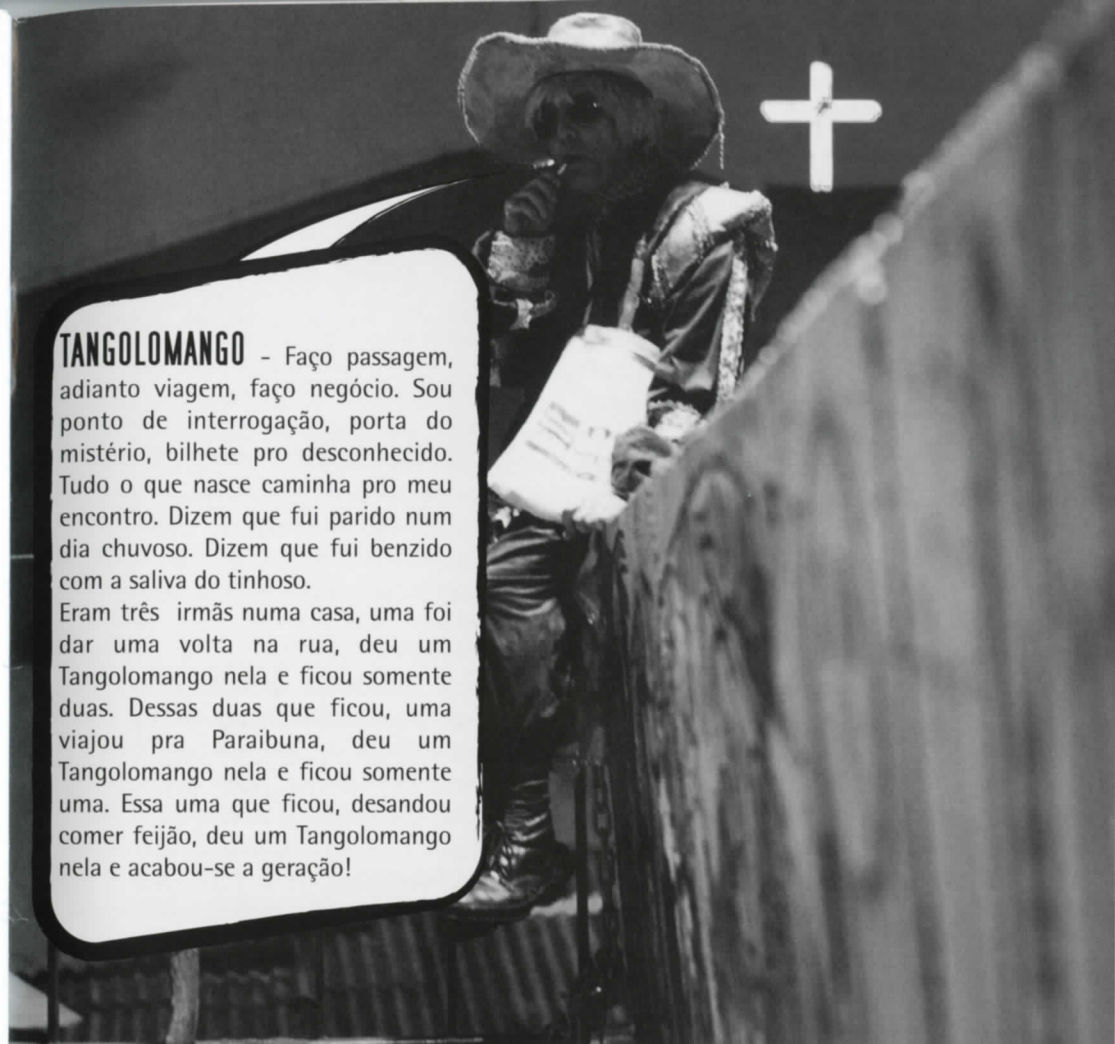




E quem é aquela figura estrambótica que passa de verde assustando a gurizada? É o TANGOLOMANGO! A luz das estrelas, o cor do luar, o início, o fim e o meio!
A Morte, meu irmão!

E no silêncio que fica qando Tangolomango passa, se liga, no que diria Bertolt Brecht:

*Se fôssemos infinitos
Tudo mudaria.
Como somos finitos
Muito permanece.*



TANGOLOMANGO - Faço passagem, adianto viagem, faço negócio. Sou ponto de interrogação, porta do mistério, bilhete pro desconhecido. Tudo o que nasce caminha pro meu encontro. Dizem que fui parido num dia chuvoso. Dizem que fui benzido com a saliva do tinhoso. Eram três irmãs numa casa, uma foi dar uma volta na rua, deu um Tangolomango nela e ficou somente duas. Dessas duas que ficou, uma viajou pra Paraibuna, deu um Tangolomango nela e ficou somente uma. Essa uma que ficou, desandou comer feijão, deu um Tangolomango nela e acabou-se a geração!



Essa é a Barra Funda, minha gente! Você sabia? Que ali em frente ao Minhocão, onde agora tem um mega pet shop, ficava o Circo Piolim, do palhaço que tanto encantou os modernistas e tanto alegrava a garotada? Eu, Barafonda, quando era menino, adorava ir ao circo! O negócio era varar a lona!

Você sabia? Que antigamente pelas ruas da Barra Funda passava o pastor de cabras vendendo leite? As crianças vinham de canequinha na mão pegar o leite e dava até pra escolher de qual cabritinha você queria mamar... E agora na Rádio Cipó, momento especial: eu, Sr. Barafonda, aliás Flávio Porto, vou contar, direto das veias abertas da memória....

- Dito!, a mãe fez bolo de fuuuuubá!

Nunca consegui descobrir porque Joaquim tinha, em determinadas palavras, uma acentuação diferente. Ele não falava, "me dá uma bala de coco", sempre dizia, "me dá uma bala de cucco" Hoje, passados anos e anos, penso que seus pais foram escravos lá no Haiti. Talvez.

-Dito!, a mãe fez bolo de fuuuuubá!, gritou Joaquim na porta do 118.

A bola vinha caindo como uma folha seca, numa curva perfeita, assim como se fora lançada pelo Claudio Pinho, e já estava na altura do peito do Dito, era só matar, deixar rolar até o pé esquerdo para distribuir. Dito não fez isto. Quando ele ouviu o irmão gritando que mãe tinha feito bolo de fubá, Dito não matou a bola no peito, pelo contrário, deu uma peitada que a bola foi parar no terraço da dona Jupira, a "fura bola" Dito saiu correndo em direção ao cortiço aos gritos dos outros jogadores de, "fundo de panela"... "tição"... "pau de vira tripa"... O cortiço do 118 era diferente do 60. O primeiro, um autêntico navio negreiro enquanto o segundo era misto de brancos, mulatos, um casal de húngaros e um polaco. Cheiros diferentes. Costumes diferentes. O 118 tinha personalidade, não negava fogo, já o 60 era confuso e de personalidade duvidosa, escamoteada. Na verdade não se cheiravam.

Nestes tempos de pós segunda guerra, a rua Victorino Carmilo, começava lentamente a se aprumar. "As coisas vão entrar nos eixos", comentava Miniquele, abotoando a japona azul

marinho da guarda civil. Mesmo assim, como não podia ser diferente alguns resquícios do racionamento pairam pelo ar. Aprendeu-se a viver com menos. Não havia esbanjamento ou, como dizia dona Amélia, dona da padaria, "aquí não se vive a La gordaça!" As pessoas compravam picado e, a maioria, tinha "cardeneta" onde marcavam suas despesas. Os casarões que beiram os Campos Eliseos, já começavam a pedir arrego, seus donos foram para o Jardim Europa. A Barra Funda não ficou triste por isso, ela já nasceu nostálgica. A alegria deslavada estavam nos porões e nos cortiços.

O pai do Dito, um negro magro e alto. Elegante. Como o Nestor pianista, Hilário, vestia-se elegantemente. Ambos eram servidores da prefeitura, então andavam impecáveis em seus ternos de brim caqui, milimetricamente engomados. Pareciam irmãos. Para espanto dos brancos, carcamanos e oriundos, Hilário, além de funcionário público de carreira, lecionava, em casa, latim e, Nestor era exímio pianista popular. A fora isto, os dois pretos eram lindos de deixar as italianinhas doidas de vontade. Hilário tinha um por menor possuía uma costela a mais do que o normal. Ele era requisitado pelos médicos da Santa Casa para pesquisas, o que lhe rendia um dinheirinho a mais no orçamento.

Quando o Dito acabou de comer o bolo de fubá, voltou pra rua e não tinha mais ninguém. Dito ainda viu os dois tijolos que marcavam o gol que dava fundo para a Al. Nothman. Foi em frente, atravessou a rua e cruzou com Teléco, filho da

dona Iolanda, a loira mais cobiçada do quarteirão. "Sou como o pavão", dizia ela, "bonita por cima, mas minhas pernas..." Dona Iolanda tinha varizes, fruto de anos de pé atrás do balcão da loja de ferragens do seo Heitor, o marido.

Foram. No largo da Banana, tinha um grande bebedouro onde os cavalos, literalmente matavam a sede. Hoje, onde existia o enorme bebedouro, está construído o viaduto Pacaembú. Teleco sempre andou com um bernal a tira colo, tivesse ou não coisa pra carregar e por outro lado era como uma cornucópia pois o que saía dali, só Deus sabe. No largo da Banana, os meninos não pegavam as frutas caídas, embora boas, era fácil demais. Eles surrupiavam das carroças dos murrugas, dos carcamanos e muquiranas. Como dois Robin Hoods eles não vendia a carga mas as distribuíam no 118, Vila do Bob e no 60. Todo mundo sabia a origem do alimento mas o dito(êpa!) popular de que ladrão que rouba ladrão..., acobertava a "esperteza" da dupla. Cá entre nós, naquela época de racionamento, pão com banana nanica era o que havia de bom. Teléco intimou o Dito para irem até o largo da Banana pegar as sobras.

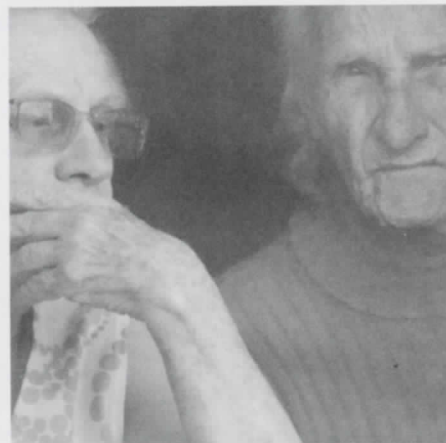
Vila do Bob. A vila ficava do outro lado da rua, em frente aos cortiços. Lá morava um pessoal que na maioria veio do interior. Lá morava Esmeralda de cintura fina, última moda que embora natural, ela apertava com cinto de couro envernizado e com fivela imitando prata. "Um violão!!!!", como os mecânicos da Oficina Delgado comentavam à sua passagem para pegar o bonde 22, na São João. Cabelos fartos, num crespo volumoso, Esmeralda era mais para Carmem de Bizet, do que a simples telefonista da Cia Telephonica de São Paulo. Na vila, as meninas tocavam sanfona ou piano, obrigatoriamente se tivessem intenção de casar. Uma das prendas necessárias era tocar um instrumento. Muito delas se tornariam professoras primárias, alias, nove entre dez meninas naquela época sonhavam em ser normalistas.

Ainda, na vila, um grupo de velhos tinham um "regional", composto de violões, bandomim, sanfona e, em noites de arrasta pé, aparecia um pandeiro, um saxofone e cello.

"Eu tenho uma mula preta, com sete parmo de altura, a mula é estrambelhada e em cada esquina dá uma cagada", Dito, voltando pra rua cantava com sua voz embasada, como diria muito tempo mais tarde a Lucia G. Naquela hora do dia era o momento de reunião da cúpula turma dos meninos da Victorino para traçar estratégias de briga contra a turma da Pirineus. Semana entra, semana sai, sempre havia conflito, numa rua neutra, como a Ribeiro da Silva. Todo motivo era válido para marcar confronto. Tentativa de namoro com as irmãs do 117, Maria Helena, Helenice e Terezinha (outra gostosona), por alguém fora do quarteirão, entre Al. Glete e Al. Nothman, servia de ultimato para os sopapos. Não era somente sopapo, valia tudo, menos armas. Estilingue com bolinha de gude, pedrada simples, cuspada na cara. Golpe baixo era permitido, tanto que o Agnaldo perdeu parte da orelha, arrancada a dentada pelo Humberto quando este soube que o infeliz quis namorar a Terezinha coxuda. A tal cúpula era: Almir e Dodô, filhos do seo Feitosa, funcionário dos Correios e Telegraphos, lá na praça do Correio. Tinha, também, Sérgio Viola, o pai trabalhava na RCA Victor, da rua Direita; Claudio e Homero Rubini, filhos do seo Armando o melhor mecânico de São Paulo; Geraldo, filho do seo Américo dono de uma garagem ao lado da vila do Bob; o Pirica, Zé Laporta, Vighetto, Gino padeiro, Clemente, cujo peido ganhava qualquer briga e Casarini, filho do Rato o único dono de taxi da redondeza. Só para uma questão de referencia o taxi do Rato era um Nash, verde cor de limão. Este era o pelotão da resistência. Na frente, como em qualquer guerra ia a molecada iniciante na nobre arte. O bom ou ruim das brigas é que não durava muito, pois ao primeiro ferimento, seja o lado que fosse, todo mundo saía correndo e deixava o ferido à sua própria sorte. Quem não participasse das brigas era "filhinho de papai", como o Dito. Sempre sentiu esta falha, é que tinha que se recolher num horário que sempre coincidia com o meio da batalha. Nem ia. O pessoal relevava a ausência porque Dito era bom de bola, bolinha e balão ■

E já no final de nossas transmissões fica o convite da Rádio Cipó: venha fazer essa trajetória ao vivo! A Cia. São Jorge de Variedades apresenta BARAFONDA – um passeio teatral da Barra de Cima à Barra de Baixo, do viaduto ao trem.

Vamos encerrando e... ah, acaba de chegar uma cartinha do nosso ilustre professor Alexandre Mate falando sobre sua experiência ao assistir Barafonda. É com ela que nos despedimos:



*O que a Barra Funda tem...
O que a Barafonda, da São
Jorge, acordou em tantos
de nós...
Um bairro espetáculo se
reinventou!*

Alexandre Mate,
professor e
"feliz espectador" dos
espetáculos do grupo

*Que sempre que o homem sonha o mundo pula e avança
Como bola colorida entre as mãos de uma criança.*

Pedra filosofal. Antônio Gedeão e Manuel Freire.

Normalmente, ninguém escolhe não ter memória! Normalmente, quase todos preenchem as lacunas de sua memória com histórias inventadas, sonhadas!

Por motivos que nem sempre escolhemos, a maioria de nós não tem informação ou dimensão da história de nossas vidas. Não sabemos direito quem foram nossos avós e desconhecemos, quase por completo, quem foram nossos bisavós. Quase sempre nossas histórias de vida vêm à lembrança faltando muitos pedaços...

Não sabemos muito bem quem fundou o bairro em que moramos, por que a rua em que fica nossa casa tem tal nome e o que ele, sendo um nome próprio, significa. Desconfiamos, mas acabamos dizendo que o Brasil foi descoberto... E por aí vai!

Nossa existência tem muitos não sabidos... E preenchemos o que não sabemos, muitas vezes com histórias que não são as nossas.

Além disso, quase sempre, pela pressa da vida moderna, não olhamos com detalhe por onde passamos... Os espaços públicos, como afirmam tantos, transformaram-se em espaços de passagem...

Ao montar o excepcional e emocionante Barafonda, a Companhia São Jorge de Variedades propõe ao imenso coro de espectadores que segue o percurso de apresentação do espetáculo, com mais de 2 km de percurso, que recoloca os olhos no bairro e em sua gente e em si mesmo.

O espetáculo é surpreendente e começa na "abandonada pelo poder público" Praça Marechal Deodoro e segue para a Barra Funda para o "coração" do bairro, depois do leito da estrada de ferro. Em caráter processional, o espetáculo mescla histórias de personagens do teatro grego da Antiguidade àquelas do

próprio bairro. Todos os espaços percorridos transformam-se em cenário, em festa e em poesia para acolher uma nova memória que se instaura. Apesar de haver um grande número de atores e atrizes, pelo cuidado de seu conjunto de criadores, a maior protagonista do espetáculo acaba sendo o próprio bairro: a Barra Funda de uma gente esquecida.

No trecho da rua General Olímpio da Silveira, tudo surpreende: os atores e atrizes aparecem em todos os lugares e de modos os mais inusitados: pelo ar do metrô que faz as roupas dançarem; por atrizes e atores que aparecem em lojas, bares, canteiros, ruas, calçadas... de modos os mais inusitados: cantando, dançando, correndo, limpando fachadas de prédio, estimulando conversas com gentes do lugar... Nós espectadores, desde o começo, aprendemos a olhar, a redimensionar o visto. Tudo passa a ser admirado, artistas e logradouros. Muitas vezes não se sabe se o visto é cena teatral ou cena real...

Paramos para um café e outras guloseimas na Casa de São Jorge (sede do grupo teatral na rua Lopes de Oliveira), depois da conversa com o barbeiro, que há mais de 30 anos está no mesmo lugar. Depois da pausa vem nova jornada: bananeiras são plantadas no duro do asfalto; uma partida de futebol é apresentada; o poeta Mário de Andrade – em pleno viaduto sobre o leito da estrada de ferro da CPTM – nos delicia com fragmentos de seu deslumbrante poema Pauliceia desvairada.

Na mistura das gentes, transformando e resignificando espaços e memórias, ficção e realidades, viveres e sonhares, a épica festa "termina" na rua Luigi Greco, mas, quem sabe é o que se espera (pelo menos o foi para mim), forme um coro maior de gentes que venham a cantar e conhecer as suas aldeias.

PORQUE CANTAMOS

Se cada hora vem com sua morte
se o tempo é um covil de ladrões
os ares já não são tão bons ares
e a vida é nada mais que um alvo móvel

você perguntará por que cantamos

se nossos bravos ficam sem abraço
a pátria está morrendo de tristeza
e o coração do homem se fez cacos
antes mesmo de explodir a vergonha

você perguntará por que cantamos

se estamos longe como um horizonte
se lá ficaram as árvores e céu
se cada noite é sempre alguma ausência
e cada despertar um desencontro
você perguntará por que cantamos

cantamos porque o rio esta soando
e quando soa o rio / soa o rio
cantamos porque o cruel não tem nome
embora tenha nome seu destino

cantamos pela infância e porque tudo
e porque algum futuro e porque o povo
cantamos porque os sobreviventes
e nossos mortos querem que cantemos

cantamos porque o grito só não basta
e já não basta o pranto nem a raiva
cantamos porque cremos nessa gente
e porque venceremos a derrota

cantamos porque o sol nos reconhece
e porque o campo cheira a primavera
e porque nesse talo e lá no fruto
cada pergunta tem a sua resposta

cantamos porque chove sobre o sulco
e somos militantes desta vida
e porque não podemos nem queremos
deixar que a canção se torne cinzas.

MARIO BENEDETTI

EXPEDIENTE

Núcleo de Edição: Cia. São Jorge de Variedades: Alexandre Krug, Georgette Faddel, Marcelo Reis, Mariana Senne, Patricia Gifford, Paula Klein e Rogério Tarifa > Projeto gráfico: Sato casadalapa > Ilustrações: Julio Dojcsar casadalapa > Assistência de arte: Murilo Thaveira > Fotos: Cacá Bernardes | Alexandre Krug | Cau Vianna | Caio Toledo > Redação final e revisão: Alexandre Krug e Rogério Tarifa > Gestão de Produção: Carla Estefan > Ass. de Produção: Isabel Soares e Ademir Pereira > Tel. (11) 3824.9339 > E-mail: ciasaojorge1@yahoo.com.br, ciasaojorge@gmail.com | www.ciasaojorge.com / Esta edição conta com o apoio do Programa Petrobras Cultural



PATROCÍNIO



PETROBRAS

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA